

**um saber construído a ferro e fogo:  
entrevista com william jefferson fonseca**

**a knowledge built with iron and fire:  
interview with william jefferson fonseca**

*William Jefferson Cardoso da Silva Fonseca*  
Educador popular e biólogo – Instituto Mirindiba  
Rio de Janeiro – Brasil  
Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-8355-7679>

*Augusto César Pinheiro da Silva*  
Professor do Departamento de Geografia e Meio Ambiente – PUC-Rio  
Rio de Janeiro – Brasil  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6940-2687>  
DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.11555314>

## **Entrevista**

Realizada em 02 de maio de 2024, Plataforma Zoom, 14h:30m

*Entrevista com o educador popular e biólogo William Jefferson Cardoso da Silva Fonseca, realizada por Augusto César Pinheiro da Silva, professor do Departamento de Geografia e Meio Ambiente da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), para o dossiê intitulado “meio ambiente, educação e pesquisa”, publicado pelo Instituto E.V.A. na Revista Letramento SocioAmbiental em junho de 2024, no contexto das celebrações do Mês do Meio Ambiente. Os autores se conheceram em uma reunião realizada em 02 de fevereiro de 2024, na qual se discutiram parcerias para o desenvolvimento de um projeto de educação ambiental no território, abordando questões socioambientais com as quais o entrevistado está envolvido através do seu trabalho no Instituto Mirindiba.*

**Augusto** - Seja bem-vindo, William Jefferson. É um prazer recebê-lo para esta entrevista. Gostaria de ouvir mais sobre você e o seu trabalho no *Instituto Mirindiba*.

**William** - Tenho 33 anos, sou Biólogo, quilombola e antes de tudo sou ativista social, principalmente em temas de cultura e meio ambiente aqui na minha cidade, Magé (Rio de Janeiro), no bairro de Piabetá. Minha trajetória começou pelo interesse desde a infância sobre as questões biológicas, e com a sorte de ter sido incentivado e apoiado pela minha mãe para o estudo das Ciências.

**Augusto** — Conte-nos como foi o início da sua trajetória.

**William** - Quando penso no início da minha trajetória, lembro que tinha 11 anos, quando o colégio onde estudava nos levou (estava na antiga 5ª série do Ensino Fundamental) para um passeio no *Instituto Fiocruz*. Todo o passeio foi ótimo, conhecendo o corpo humano e tudo mais, mas o que mais me chamou atenção foi na sala de uso dos microscópios. Lá fomos autorizados a usar os microscópios (um deles tinha um projetor acoplado e eu achei o máximo!). Vimos as baratas empaladas e eu fiquei apaixonado por conhecer as estruturas dos animais... e durante o passeio perguntei a um funcionário o que eu tinha que fazer para trabalhar com um microscópio. A resposta foi: — *O melhor é você fazer Biologia, dando preferência à Microbiologia!* Eu saí de lá decidido que iria trabalhar com microscópios.

— *Serei biólogo!* E o resto da minha trajetória escolar, inclusive no Ensino Médio, foi apenas para confirmar isso: a Biologia era a ciência em que eu mais me destacava e mais gostava.

Quando saí do Ensino Médio fui por outro caminho, que também me destaca nos dias de hoje: o da Tecnologia. Sempre fui muito vidrado em computadores e hoje sou um dos seis coordenadores de tecnologia do *Instituto Mirindiba*. Essa situação se deu quando ao final do Ensino Médio eu optei por fazer Biotecnologia e não Biologia (me arrependi mais tarde)... ou seja, me informei com colegas e senti que poderia juntar as minhas duas paixões: computadores e Biologia. Em 2009 fiz o vestibular e fui aprovado para cursar Biotecnologia na UFRJ, em 2010. Chegando à universidade, a novidade sobre o curso era total e fiz parte da primeira turma do curso, cujo polo era em Xerém, em Duque de Caxias.

A falta de estrutura do curso era evidente e o campus era dentro do estádio do time de futebol do Caxias, onde existia um curso profissionalizante. Acabei não me identificando com o curso de Biotecnologia. Quatro semestres após o início do curso, fiz um pedido de transferência interna na UFRJ e fui para a Microbiologia, que é o curso que eu me apaixonei de verdade. Até porque cumpri meu sonho lá dos 11 anos:

comecei o curso já estagiando na Fiocruz. Realizei meu sonho de ser bolsista de Iniciação Científica dentro do Instituto.

Quando a pesquisadora que me dava suporte no laboratório de Imuno farmacologia saiu da Fiocruz, eu fui com ela para os laboratórios da UFRJ. E dessa migração eu conheci muitas linhas de pesquisas com vários objetos de estudo, passando por quatro ou cinco laboratórios diferentes... até que no início do período pandêmico, e meio desgostoso com o ambiente de pesquisa no Brasil por falta de investimentos, eu optei por ir para a Licenciatura.

Em 2020 entrei no curso de Licenciatura de Biologia da UERJ pelo CEDERJ e desde então a carreira de Professor do Ensino Básico passou a ser o meu investimento pessoal e profissional. Esse caminho se reforçou por eu sempre ter gostado de explicar temas diversos para os outros e hoje já dou aula na rede particular de ensino de Magé, São João de Meriti e de Duque de Caxias.

**Augusto** - E como você chegou aos temas de Meio Ambiente?

**William** - Sempre gostei de Biologia como já disse, mas o ambientalismo “não era a minha praia”, pois sempre fui um pesquisador júnior que estudava doenças, medicamentos e tudo mais. Todavia, a questão ambientalista chegou à minha vida pela perspectiva político-social, porque em 2010 eu e minha família fomos duramente afetados pelas grandes chuvas daquele ano (entre 2010 e 2011), e a nossa casa foi atingida pelas enchentes, fazendo com que perdêssemos grande parte dos nossos bens pessoais entre móveis, produtos eletrônicos, etc. Naquele período eu percebi, sem conhecer ainda, que o racismo ambiental existia! Nem se chamava ainda com esse termo, mas já me sentia grande vítima dele. Em 2017, o Anderson André Ribeiro, que é também coordenador do *Instituto Mirindiba*, me chamou para dar aula no *Pré-Vestibular Social no Quilombo de Bongaba*<sup>1</sup> (bairro da cidade de Magé), que precisava de um Professor de Biologia, e foi quando eu comecei a dar aula. Portanto ali no quilombo começou o meu processo de militância ambiental e luta por direitos sociais e políticos, porque o ato de educar nesse ambiente não é apenas o de “dar aula”, mas se dá através de toda formação política da militância que o território do *Quilombo de Bongaba* me dava. O *Pai Paulo*, que é o líder do *Quilombo de Bongaba*, me colocou em contato com muitos movimentos sociais, e estes me colocaram na ponta de lança nessa luta contra o racismo, o que seria reforçado no período

---

<sup>1</sup> [Quilombo do Bongaba](#) — Em 2016 a Associação de Comunidades Remanescentes de Quilombos do Estado do Rio de Janeiro reconheceu a importância deste espaço para a região em que o Àsé está inserido e, em 2018, a Fundação Palmares, órgão do então Ministério da Cultura, concedeu o título de Quilombo do Bongaba a toda a região de seu entorno. Um dos principais objetivos será o de preservar e transmitir os saberes tradicionais através da oralidade, de sua materialidade e de trocas permanentes, geracionais e vivenciais entre os mais velhos, os Mestres Griô, e os jovens estudantes.

pandêmico, notadamente em 2020, quando passamos a lutar pelo direito da população preta da cidade.

Em dezembro de 2020, novamente a cidade foi duramente atingida pelas enchentes e *Pai Paulo* ligou para mim e o *Anderson* para que atuássemos em um bairro da cidade – chamamos de *Buraco da Onça* – que fora duramente afetado com as chuvas que inundaram inúmeras casas. Mesmo no período crítico com pandemia e as inundações resolvemos ajudar a comunidade (porque éramos os mais jovens, com possibilidade de sermos “menos afetados” pela COVID) com cestas básicas. E aí “caímos na real”.

**Augusto** - Por quê?

**William** - Cestas básicas são importantes e todos estavam muito agradecidos, mas como é que as pessoas iriam cozinhar se haviam perdido inclusive os seus fogões? Percebemos que a melhor opção seria servir “quentinhas” (refeições lacradas em recipientes de alumínio) para os moradores afetados. A questão do racismo ambiental ficou mais clara para mim, quando percebemos que na troca do Governo Municipal, após as eleições daquele ano, parte do corpo burocrático da Prefeitura foi exonerada, e em um ambiente de crise pandêmica e bairros inundados, o Estado não foi eficiente na resolução dos problemas dos mais necessitados.

Mais uma vez a população preta ficou sem ter apoio do poder público quando mais necessitava. Isso me revoltou demais, porque não podíamos fazer nada além de oferecer a alimentação diária aos necessitados, ao mesmo tempo em que víamos a inoperância na Defesa Civil em minorar os problemas gerados pelas enchentes na cidade, principalmente para os mais pobres e pretos.

**Augusto** - E como você enfrentou isto como morador de Magé?

**William** - Em 2021, me inscrevi em um curso de Políticas Públicas na *Casa Fluminense*, instigado por uma amiga que sabia da minha atuação em Magé. Ao realizar o curso, a minha formação na política se fortaleceu, pois eu trouxe a vivência no Quilombo para os conhecimentos proporcionados pelo curso, formalizando a minha prática. A partir daí eu passei a entender a questão dos Direitos, dos Direitos Ambientais, que não são resolvidos apenas com a reclamação: tem que ter ação, mobilização.

Com o lançamento anual de editais de fomento pela *Casa Fluminense* para atividades políticas nos territórios (edital da *Agenda 2030*), me lancei na concorrência em 2021, visando realizar um projeto em Magé junto com a *Carla Lubanco* (Gestora Ambiental e Mestre em Sustentabilidades pela PUC-Rio), cuja produção na área eu conhecia desde 2017. Ela sempre produziu muito conteúdo ambiental nas redes sociais.

**Augusto** - Como foi o seu encontro com a *Carla Lubanco* e o que isso germinou para a realização do seu projeto ambiental?

**William** - Nos conhecemos através de amigos em comum e na troca de endereços pelas redes sociais, interagi com ela que militava junto com o *Anderson* na questão ambiental. Pensamos os três em acessar o edital da *Casa Fluminense* para levar a questão ambiental, via discussões diversas, para o município de Magé. A ideia foi ganhando corpo com a chegada de pessoas engajadas nessa discussão como *Andressa Dutra* (Gestora Ambiental e Mestre em Ecoturismo pela UNIRIO); *Livia Leite* (Cientista Social pela UFF), e a *Táisa Marins* (Graduanda em Ciências Biológicas pela UERJ), que apoiaram o acesso ao edital.

Montamos o projeto e ganhamos. O projeto propunha trazer a discussão ambiental para Magé, que nós denominamos *Fórum Climático*. Nele buscaríamos levar para a gestão municipal a ideia de que projetos de Políticas Públicas devem ser feitos pela Sociedade Civil e entregues ao Estado, pois cremos que quem está na gestão tem pouca experiência na vivência dos problemas cotidianos. A *Carla* passou a encabeçar o projeto e nós o executamos. Ganhamos em 2022 para a realização do fórum em 2023. O fórum foi um sucesso com mais de 350 pessoas presentes, pois conseguimos reunir representantes variados da Sociedade Civil para discutirmos o racismo ambiental no município.

Nesse primeiro fórum focamos muito nas questões relativas às enchentes e aos desastres associados a elas. Como resultado do sucesso do fórum, cujo tema central foi acionado pela minha vivência e a do *Anderson* nos impactos das enchentes de 2010 e 2020, conseguimos que a Sociedade Civil presente constituísse uma *Carta Manifesto* contendo as nossas necessidades locais em relação ao racismo ambiental e à justiça climática na cidade, entregando-a, protocolada, na Prefeitura de Magé, três meses após o fim do fórum.

**Augusto** - Quais as repercussões geradas no grupo após o sucesso do Fórum Climático de Magé 2022?

**William** - Estamos bem satisfeitos em relação aos resultados obtidos e o mesmo grupo pensa em realizar o fórum anualmente, para expandir o nosso projeto político e nos institucionalizar. O grupo tem direcionado o fórum para algo mais amplo, com maior escopo. E, quando ganhamos mais uma vez o edital da *Casa Fluminense*, em 2023, nós utilizamos os recursos para formalizar o *Fórum Climático*, tornando-o um Instituto. Nessa passagem, retiramos o nome Magé, mas o mantivemos na narrativa do instituto ao nomeá-lo [\*Instituto Mirindiba\*](#).

*Mirindiba* é uma árvore da cidade de Magé, que está ao lado da *Igreja de Nossa Senhora do Bonfim*. Essa árvore contém uma lenda folclórica na

cidade de Magé, pois segundo rege a lenda, este era o nome de uma mulher indígena que morreu naquele local e no lugar onde ela faleceu nasceu a árvore que ganhou o nome dela. A logo do Instituto é a árvore Mirindiba

Desde então, o Instituto vem realizando várias atividades voltadas, principalmente, para a realização do *Fórum Climático*. Ampliamos o corpo de colaboradores com a adesão de mais pessoas para consolidar o nosso desejo de tornar o *Mirindiba* uma referência na formação de lideranças na luta pela justiça climática, entendendo essa formação como uma das principais tecnologias sociais do Instituto. Já foram realizados dois cursos de formação de lideranças pelo clima e pretendemos realizar um terceiro curso com essa intenção. Objetivamos formar ambientalistas para atuar politicamente no município.

**Augusto** - E como é o curso de formação de lideranças do *Instituto Mirindiba*?

**William** - É um curso para tratar especificamente sobre o racismo ambiental e a injustiça climática. Em primeiro lugar, focalizamos na capacitação das lideranças em identificar o racismo ambiental e a injustiça climática no dia a dia das pessoas, com aulas *online* e também presenciais. As atividades são realizadas por membros do Instituto e também convidados que ajudam os cursantes a identificar esses processos.

Dentre os temas, chamamos especialistas em áreas de preservação ambiental (as APAs), para capacitarem as pessoas a compreender essas áreas como tecnologias sociais que têm legislação, leis, funções, para definirem projetos políticos para a preservação ambiental. Nas aulas presenciais, por exemplo, busca-se reconhecer o racismo ambiental e a injustiça climática a partir de territórios de referência no município.

Na aula no *Quilombo Kilomba*, que fica próximo ao cemitério e ao lixão de Magé, os alunos foram instigados a observar os lugares onde se percebem os contextos do racismo e da injustiça. E no trajeto há vários pontos que referendam a nossa abordagem. Meu amigo *Pedro Vitor Costa* tem uma frase que a gente leva sempre nesses estudos que é:

— *Todo valão um dia foi um rio.*

Esta frase facilitou a nossa abordagem, porque Magé é uma cidade de muitos valões e, portanto, no passado foi uma cidade de muitos rios. Somente na trajetória do Quilombo até o lixão (aproximadamente 700 metros) foram observados três valões e o próprio lixão (não é aterro sanitário), condições que poluem e geram doenças diversas, o que agrava o problema da falta de tratamento de esgoto no município. Segundo dados do IBGE de 2022, somente 5,14% da população do município de Magé tem acesso a esse tratamento... é quase a universalidade demográfica do município sofrendo com a injustiça ambiental!

A partir do entendimento desses processos, pretendemos qualificar as lideranças, não apenas para o entendimento dessas condições desiguais, mas para liderarem as suas lutas por equidade a partir dos seus territórios, seus lugares de vida. O curso abrirá suas inscrições a partir de junho/julho de 2024, devendo ocorrer no segundo semestre deste ano, e será divulgado pelas redes sociais do Instituto.

**Augusto** - Frente ao sucesso do *Instituto Mirindiba* — referendado por dois editais em processo seletivo aberto e realizando cursos diversos — o que você espera das discussões e ações de luta contra a injustiça climática e o racismo ambiental nos municípios do fundo da *Baia de Guanabara*?

**William** - Eu acho que a luta por direitos deve partir da Sociedade Civil. Além do mais, as questões ambientais com referência na justiça climática vêm sendo intensamente discutidas na cidade do Rio de Janeiro e, claro, na sua Região Metropolitana. Isto vem ao encontro de dar mais força à Sociedade Civil, fazendo-a sentir o processo. Acho que vem ocorrendo uma elucidação bem ampla sobre o racismo ambiental nas cidades metropolitanas, principalmente após a fala da Ministra da Igualdade Racial, *Anielle Franco*, que trata muito sobre o tema. Essa ação do governo central reduziu as críticas sobre o tema, já que era comum se dizer que os ambientalistas e engajados na causa ambiental estavam “inventando palavras, porque racismo ambiental não existe”.

Hoje em dia tem-se maior clareza sobre esse processo e assim a obtenção de direitos tem ocorrido a partir da pressão social sobre os poderes públicos. O fato de a Sociedade Civil estar mais clarificada sobre esses assuntos vem tornando a população em geral protagonista, tanto sobre como lidar com eles, quanto como lutar contra eles. Como exemplo atual, deve-se citar o caso das enchentes ocorridas no Rio de Janeiro em janeiro de 2024 quando o Governador de Estado (*Claudio Castro*) estava de férias na *Disneylândia*, o que gerou uma rápida reação da Sociedade Civil do Estado que, através das redes sociais, levantou a questão de que:

— *O Rio de Janeiro não é a Disney!*

Isso gerou grande mal-estar nos poderes constituídos. E essa pressão tem aumentado, pois tenho visto muitos movimentos de agroecologia emergindo no cenário de luta por Direitos e justiça ambiental, a partir da preservação de lugares como a *Baia de Guanabara*. Outra questão crescente nos debates no Rio de Janeiro refere-se ao aumento das temperaturas a partir da crise climática, e como essa crise têm afetado a qualidade de vida nas cidades de diferentes lugares.

As pessoas estão saindo da inconsciência sobre esses processos para o entendimento de causas e consequências deles. Eu, como criança e adolescente nos anos 90, não tinha referências sobre esses temas, mas hoje há outra geração de crianças e adolescentes reconhecendo esses

problemas ambientais como os geradores do aumento das temperaturas e das enchentes nas cidades. As pessoas estão entendendo mais esses processos. Creio que esse entendimento tem vindo da Sociedade Civil. Já sobre a qualidade das águas no Rio de Janeiro, os temas sobre a *Baia de Guanabara* ganham força quando temos clareza também da qualidade das águas que bebemos, como o problema da geosmina nas águas da CEDAE, em 2021. Ou seja, o tema sobre o tratamento das águas no Estado do Rio de Janeiro (oceânicas e fluviais) são temas constantes nas discussões sobre a poluição das águas no fundo da baía, por exemplo.

Nesse sentido, as agendas ambientais estão crescendo na cidade como as pensadas pelo “*Coalisão o Clima é de Mudança*”; “*Agenda Realengo 2030*”, e outros parceiros do Instituto, colocando as agendas locais no centro das discussões ambientais no Rio de Janeiro. Essas agendas seguem os parâmetros da *Agenda 2030*, buscando cunhar, junto aos agentes públicos, políticas ambientais para toda Sociedade Civil, trazendo-a para o centro das discussões climáticas. Isto também reverbera em comitivas para a discussão ambiental no mundo como, por exemplo, o Brasil ter hoje uma ampla comissão na COP, o que trouxe para cá a COP 2030, devido o protagonismo do país nas temáticas ambientais. Isso tudo mostra o interesse crescente pelos temas ambientais principalmente pelos jovens. Não podemos esquecer do movimento dos “*Jovens Negociadores pelo Clima*”, do Rio de Janeiro, que busca formar lideranças jovens no Estado voltados para lutar pelas causas ambientais no Rio de Janeiro. Todo esse processo está partindo da Sociedade Civil.

**Augusto** - Mas, e sobre a *Baia de Guanabara*?

**William** - Sobre a *Baia de Guanabara* o Ailton Krenak fala muito isto para mim, esse interesse precisa partir muito da ancestralidade. Hoje, quando eu luto por direitos na *Baia de Guanabara*, a partir da cidade de Magé, eu resgato a história da cidade. Meu pai sempre falava que quando tinha a minha idade ele ia sempre para Mauá com amigos para curtir a praia. E hoje, nas discussões ambientais, eu falo que eu quero ter o direito ainda de “tirar onda”, dizendo que moro perto da praia; de falar para as pessoas:

— *Pô, a praia fica a 15 minutos da minha casa!*

Uma praia onde possa tomar banho, entrar no mar, me divertir. Mas isso só irá acontecer se a *Baia de Guanabara* for (e é) recuperada (despoluída) e balneável (é um direito!) para que possamos aproveitar desse recurso dado pela natureza, a partir de uma ideia de ancestralidade. Pois se no passado teve, por que não podemos ter agora? Qual a motivação de não ter uma praia com balneabilidade em Magé nos dias de hoje? Por que “as pessoas” não querem isso? Quando denunciemos a localização de um lixão na desembocadura de três rios da cidade, que desaguam na *Baia de Guanabara*, nós estamos denunciando as práticas políticas nocivas que



poluem os rios, o solo, o lençol freático e a própria baía. São questões que venho levantando na cidade a partir do *Instituto Mirindiba*, em confluência com a Sociedade Civil sendo protagonista desse processo. Temos que preservar a *Baía de Guanabara*, porque o meio ambiente é um Direito e creio que todos hoje pensam assim.

**Augusto** - Para finalizar, me fale sobre o *William Jefferson*, para o futuro, Professor de Biologia, homem negro, 33 anos, quilombola, militante na área ambiental na luta contra a injustiça climática e o racismo ambiental e liderança no *Instituto Mirindiba* da cidade de Magé, na Baixada Fluminense, Rio de Janeiro. Qual o seu futuro, por você mesmo?

**William** - É isso. O lugar que me imagino no futuro, é buscar o que Magé já teve de importância do passado. E quando eu falo Magé, não é só a cidade, mas a *Baixada fluminense* e o *Recôncavo da Baía de Guanabara*. Porque o território é ancestral, e se eu falo Magé minha cidade, eu falo um nome indígena, várias cidades do Estado têm origem indígena, os maiores quilombos do Estado do Rio de Janeiro estavam na cidade de Magé. Então eu quero um futuro ancestral, eu quero sobretudo lutar pelo que os meus ancestrais já viveram ambientalmente, e ver se o mundo melhora.

Então, o futuro de Magé será comandado pela Sociedade Civil. Quando eu penso no meu papel nesse futuro é o de realizar o fortalecimento da Sociedade Civil, da qual eu faço parte, porque a Sociedade Civil é só um corpo e eu sou só mais uma célula no processo de manter o corpo vivo. E para manter o corpo vivo, tem que pulsar, as células têm que estar trabalhando, as coisas têm que estar circulando e ser entregues, e para isso a gente tem que estar agitado, se movimentando. Portanto, o *William* do futuro quer sobretudo movimentar a Sociedade Civil e as pessoas ao redor dele lutando por direitos que sempre foram nossos.

É isso!

**Augusto** - Muito obrigado, *William Jefferson*!

## Sobre o entrevistado

**William Jefferson Cardoso da Silva Fonseca** é Biólogo, Professor de Biologia, Educador popular, DJ, militante antirracista e de temas socioambientais. É formado pelo curso de Políticas Públicas da *Casa Fluminense*, Coordenador de Cultura e Tecnologia no *Coletivo Guarani*, Coordenador de Infraestrutura e Tecnologia no Fórum Climático de Magé e Coordenador da *Gibiteca Pública Dwayne McDuffie* localizada na ONG *Mapa Mundi*.